

A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado, e outras que lhe são correlativas

Órgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Redactor principal: MANOEL GOMES DA SILVA

Assignaturas
Por series de 6 ou 12 num. (cada n.º) 30 réis
Provincias, idem. 40 "
Estrangeiro e Colonias, idem. 50 "
Brazil, idem. 60 "

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa de S. Nicolau — 12, 2.º D.

Annuncios
Cada linha 20 réis
Quando acompanhado de desenhos, gravuras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.

EXPEDIENTE

As assignaturas são pagas adiantadamente, e contam-se desde o 1.º dia de janeiro ou de julho, por semestre ou por anno.

Rogamos aos srs. assignantes em debito do anno anterior de liquidarem suas contas.

Os que tiverem recebido algum numero de menos, queiram reclamá-lo.

Pautas da metropole

JÁ temos pauta e não ha pauta. Ha pauta para desde o 1.º d'este mez se pagarem direitos constantes do novo projecto, o qual vae entretendo os srs. deputados, que o discutem ou fingem discutir.

Faz esmorecer aos mais emprehendedores e corajosos o modo como se cuida ou se tem cuidado n'este infeliz paiz dos negocios mais importantes, de que depende o seu melhoramento economico.

Estamos velho e cansado de lutar, para ao fim de dezenas de annos de incessante campanha em defeza do trabalho nacional, ouvir das alturas que é chegada a vez de acudir a dar trabalho a portuguezes, comprehendendo-se por fim e em presença de circumstancias desgraçadas, e da miseria que se alastra, que só pelo trabalho se adquire riqueza e não pela mandrice e disposição de viver do trabalho alheio, não se possuindo aliás minas de ouro para pagar o valor d'esse trabalho.

Quem não trabuca não manduca, é velho rifão portuguez. Não se póde viver constantemente de emprestimos. E de abusos e de syndicatices de exploradores pouco escrupulosos, o seu grande grupo que agora se descobre procurou assim viver, medrar e figurar por algum tempo, teve de ser impedido da continuação, reconhecendo-se finalmente que só pelo trabalho honesto desenvolvendo o commercio, a agricultura, a industria e a navegação, se poderá solidamente alcançar credito e força para fazer face aos encargos da nação e de cada um individualmente.

E' dura e cruel a expiação d'este povo, que errou, deixando á revelia o cuidar dos negocios de todos, em que os de cada um individuo se comprehendem. Agora afflicto com a fraqueza de trabalhos e de negocios, todos se lastimam e procuram desabafar, mas accusando a todos e a si proprios por se deixarem chegar a tal extremidade o mal estar, e a crise que vem de longe.

A pauta proteccionista dizem os economistas que será um dos expedientes a empregar para melhorar a situação economica.

Não bastará essa pauta; pautas proteccionistas sem auxilio de capital barato, sem instrucção profissional, sem mercados de consumo no interior e no exterior,

sem o aproveitamento das nossas colonias, não será bastante para em poucos annos e com a urgencia precisa, o nosso povo trabalhador se sentir mais habilitado para passar a ser maior consumidor.

E no entretanto iremos soffrendo as consequencias de tamanho descuido e de tantos erros, em que os governados collaboraram com os governantes consentindo.

Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado

Assembléa geral

Sessão de 22 de janeiro de 1892

Com a presença de 21 socios foi aberta a sessão, presidindo o sr. M. Gomes da Silva, secretariado pelos srs. José Climaco e Torcato Ramos.

Foi approvada a acta n.º 1 de 22 janeiro de 1891.

O sr. director Fernandes leu o relatório da gerencia relativa ao anno findo, e o sr. Torcato por parte do conselho fiscal leu o parecer d'este sobre a gerencia e propostas. Estes dois documentos foram publicados no nosso jornal n.º 25, de janeiro.

Entrou em discussão o parecer do conselho fiscal, usando da palavra os srs. Joaquim Antonio Alves, e Manuel Pires, elogiando a dedicação dos srs. directores, e principalmente d'aquelle que maior responsabilidade assumira como thesoureiro e depositario das chaves do armazem.

Por parte da direcção o sr. Fernandes agradeceu, e propoz que se votassem tambem agradecimentos aos srs. José Climaco e Victor Gomes, por terem coadjuvado a direcção nas vendas e cobranças, o que foi approvado por unanimidade.

Os srs. José Climaco e Victor Gomes agradeceram este voto. Passando se ás eleições dos corpos gerentes, entraram nas urnas 21 listas, das quaes uma branca, sendo este o resultado do escrutinio:

Directores effectivos. — Presidente, José Antonio Coimbra; secretario, Jo é Antonio Fernandes Junior; thesoureiro, João Climaco de Sousa Marques.

Directores substitutos. — Joaquim Antonio Alves, e João Arriaga.

Conselho fiscal: — Effectivos, Luiz José Nunes, Torcato Ramos de Novaes e Possidonio Joaquim Ferreira.—Substitutos, José Julio Climaco Marques e Manuel Pires.

Secção Industrial

A Fabrica de Cortumes Esperança

Noticia de uma visita a esta fabrica em 22 de dezembro de 1891, publicada no Diario de Noticias do dia 23 do mesmo mez:

Os alumnos da cadeira de merceologia do curso superior de commercio, acompanhados pelo seu professor o sr. Severiano Monteiro, visitaram hontem a fabrica de cortumes Esperança, em Villa Pouca (ribeira de Alcantara). Foram recebidos pelo sr. Ricardo Loureiro que com uma amabilidade inexcusable mostrou aos visitantes todas as installações da fabrica, que muito honra os seus administradores.

A fabrica Esperança foi fundada em 1826, e ha dois annos que pertence a uma parceria de que fazem parte os srs. Benitez, Lou-

reio, Centeno e Coelho, tendo-lhe os seus novos proprietarios introduzido todos os aperfeiçoamentos da sua industria.

N'esta fabrica preparam-se couros, vitellas brancas e de côr que rivalisam perfeitamente com as estrangeiras. Emprega na tannagem dois processos: o dos tanques (com as cascas de carvalho, sobre e sumagre) e o da electricidade.

No primeiro a disposição dosapparelhos na fabrica é engenhosissima, havendo algumas modificações ao systema valgar da arrumação das pelles nos *olhos d'agua*, de invenção do sr. Loureiro. No processo electrico emprega uma excellente machina de Worms & Balé que faz a tannagem de 50 couros de 5:000 a 8:000 kilos em 66 horas. Esta machina recebe a corrente electrica de um dynamo que é aproveitado á noite na illuminação da fabrica.

Os couros tannados por este processo recommendam-se muito pela duração que as solas com elles preparadas teem, consequencia da maior contestura dos seus tecidos e da tannagem ser mais completa.

Começou-se agora n'esta fabrica a lustrar a vapor pela marguerite os couros, o que lhes dá maior impermeabilidade sendo uma innovação n'este ramo da nossa industria nacional. Produz excellentes vitellas «granniadas» muito proprias para calçado de verão, e fabrica cabedal impermeavel para calçado de inverno, conhecido no mercado por «vitella ingleza».

Todos os seus motores são actuados por uma machina a vapor, em cuja fornalha se queimam conjuntamente com o carvão uns briquettes produzidos na propria fabrica com os despojos de industria.

Emprega como materias primeiras pelles nacionaes, de Hamburgo e Mouras (Casa Branca), cascas de sobre, carvalho e sumagre, e extractos tanninosos que infelizmente ainda se não produzem no paiz, o que força os industriaes a importal-os, sujeitando-se assim ás falsificações estrangeiras.

Esta fabrica vaé montar a fabricação de collas e grude, aproveitando assim as aparas dos couros. E' a unica fabrica do paiz que faz a «cramingem» das suas pelles o que lhes augmenta muito o valor.

A direcção da officina de surrador está confiada a um habil operario francez que é um especialista no seu genero.

O ultimo producto d'esta fabrica são as corrieas de transmissão admiravelmente cosidas, tendo sido esta a fabrica que forneceu a empresa Vidreira e muitas outras do paiz.

Estes dados são-nos fornecidos por um dos estudantes que visitou a fabrica e que nos assevera que os productos podem ser vantajosamente comparados com os similares estrangeiros.

E' animador ver a prosperidade de certos ramos da industria nacional e muito notavel o desenvolvimento que o sr. Severino Monteiro tem dado a estas visitas de estudo.

Os cortumes na Exposição de Guimarães em 1884

ANALYSE PUBLICADA NO «*Commercio Portuguez*»

(Continuação do n.º 25 pag. 5.)

As pelles que se destinam ao verniz recebem um apparelho que lhes tapa os póros, o qual é feito de uma mistura de oleo de linhaça, oxydo de chumbo e terra de sombra; cada uma das repetidas camadas que leva é lixada com pedra pomes, depois do que a mistura acima é adelgada com essencia de terebinthina e estendida a pincel.

Estes trabalhos são espaçados pela sécca em estufa, depois de cada camada de apparelho, antes de ser polida á pedra, em seguida ao que está prompta a receber o verniz. Cada fabricante faz segredo da composição d'este; porém, a sua base é o oleo de linhaça sicativo, colorido com azul da Prussia e betume da Judéa. A secagem ou cozedura do verniz exige muita experiencia e habilidade; ella é ordinariamente principiada na estufa e acabada ao sol.

Os grandes direitos de entrada, que pagam as pelles envernizadas, fariam bem remunerada a tentativa d'esta industria no paiz.

O desengrossamento das pelles cortidas deixa bastantes desperdícios, que eram quasi que inutilizados, até que os americanos se lembraram de um processo que os faz dissolver em massa, a qual, puxada atravez de cylindros, a applicam em pannos proprios para forrar as paredes internas dos quartos ou para se retalhar e servir de enchimentos no calçado e mais obras de couro.

Na Inglaterra, o pêlo que cae dos couros e pelles é utilisado para fazer chapas de feltro, com que se cobrem canos e caldeiras a vapor para resguardal-as do esfriamento externo.

A cal empregada nos primeiros processos do cortume, sendo misturada com cabelo, é utilisada muito convenientemente na confecção de paredes e mais construcções que exigem solidez. A cal conserva as suas virtudes, e o cabelo prende com uma tenacidade incrível.

Dos desperdícios, provenientes do cortume, nós apenas aproveitamos a casca servida para queimar e a raspa para collas, e d'estas vêmos na exposição alguns exemplares que nos pareceram muito bons e se venderiam com vantagem no estrangeiro; parece-

nos, porém, que a casca entregue á queima não produz tanto lucro como se ella houvesse sido moída e aproveitado o maximo tannino que ella contém.

Nada vimos na Exposição, com excepção de sellins, arreios e calçado, de outras industrias derivadas das pelles cortidas, como saccos de viagem, estofos, alhans, carteiras, charuteiras, etc., etc.

Tambem não nos recorda de ver pelles preparadas com cabelo, de que nós muito uso faziamos para bahús; havendo já no paiz tanto cão felpudo, não seria para estranhar que lá apparecessem bastantes exemplares d'ellas, brancas e coloridas, como as que vem de fóra para servirem de tapetes.

Notamos que o tinto das pelles cortidas ainda está limitado a poucas côres, e nada havia n'ellas e em todas as outras cousa que indicasse a existencia de machinismo chamado de ultimação, com o qual as pelles são moldadas em linhas rectas e de xadrez, ou imitações de pelles preciosas de animais raros; porém, com o tempo e desenvolvimento da instrucção technica tudo virá a haver n'esse centro puramente industrial.

Calçado de Infantaria

Extracto da continuação do artigo do sr. capitão Teixeira Machado, publicado no n.º 53 da «*Revista das Sciencias Militares*»

(Em continuação do nosso n.º 21, pag. 71)

Nem mesmo sob o ponto de vista artistico o calçado irrational tem vantagem sobre o racional; e só por uma perversão de gosto se comprehende a moda do calçado terminado em bico. Não obstante essa perversão, não podemos deixar de achar bello o que é obra da natureza e ridiculo o que d'ella pretende afastar-se. Entre o perfeito pé de uma varina e os aleijados cotos de nma senhora, de quem o vulgo diz que tem o pé bem feito, que abysmo! N'aquelle ha callosidades na planta, mas este é uma monstruosidade cheia de callos, com os dedos desviados da posição natural, deformados, uns cavalgando outros, com unhas informes, encravadas ou obliteradas, e os joanetes avermelhados. Não é este o pé que serve de modelo aos artistas, e que corresponde ás funcções que esse órgão tem a exercer.

O tacão, parte essencial do calçado, deve ser particularmente resistente e de grande base para augmentar a estabilidade, não tendo mais de millimetro e meio a dois millimetros de altura, isto é, a mesma que a sola na parte anterior. O bordo interno deve ser menos saliente que o externo.

Os inconvenientes dos tacões muito altos são maiores do que geralmente se cuida, porque tendem a deslocar o eixo do corpo para diante do centro da base de sustentação, e por consequencia exigem continuos esforços musculares para se conservar a posição de equilibrio, exaggerando d'esta arte os inconvenientes da posição militar. O pé, achando se n'um plano inclinado, é impellido para diante e para baixo, de sorte que os dedos, supportando o peso do corpo, são excessivamente comprimidos.

Se o calçado é terminado em bico, a pressão será ainda mais forte e mais perigosa, por causa da posição obliqua dos dedos. Além d'isso, os tacões altos contribuem para a formação do pé chato, e para acalcanhar o calçado, especialmente se a sua base é pequena, como ordinariamente succede.

Em favor dos tacões altos diz-se que são uteis quando o solo está humido, ou lamacento, e que tornam a marcha mais graciosa. Estas razões são ambas falsas. O pé não está melhor protegido contra a humidade quando a parte posterior, que é a menos sensível, fica mais elevada, e por isso protegida contra o contacto com a lama e a agua do solo, ao passo que a parte anterior, que é que melhor se deve resguardar, mergulha mais profundamente. De mais a mais quem atravessa um charco ou um lamaçal, fal-o na ponta dos pés, e portanto levanta o calcanhar a uma altura maior que a dos tacões.

O pretendido effeito esthetico é filho do habito. Nunca ninguém pensou que as estatuas antigas seriam mais bellas se o seu calçado tivesse tacões. Se algum o dissesse provocaria a hilaridade geral, e com razão porque um pé na posição natural é incontestavelmente mais bello do que com o calcanhar empoleirado n'um desgracioso pedestal. Os tacões altos tornam até a marcha menos natural, com o que quer que seja de instavel e de incerto, pois que o pé está constantemente n'uma posição quasi similhante á que toma quando na marcha se ergue do solo, fazendo-se apenas um movimento dos musculos para o levar a formar o angulo que na marcha faz com a perna. Ora quando um musculo deixa de se empregar, perde em grossura e em força, e é o que n'este caso succede. Os musculos da barriga da perna, que são os que levam a perna á extensão, teem menos exercicio nas pessoas que usam tacões altos, porque a tensão do pé é continua e produzida pelo calçado em lugar de ser intermitente e devida aos musculos, e a acção muscular exercida para marchar é muito limitada. Outra consequencia d'este facto é a diminuição do volume da barriga da perna.

(Continúa)

Preparo de oleo de ricino para a pellaria

Quando a pelle de vitella está rija pela qualidade, ou pouco preparo, dá-se pela flor uma ligeira camada de oleo de ricino, que a torna mais macia, e de mais duração, no uzo em calçado.

O oleo de ricino em dissolução em alcool forte, é um bom preparado para applicar, durante o inverno, no calçado já engraxado, pois o amacia, e lhe dá a particularidade de não o deixar repassar da chuva, e absorver a humidade.

A. C.

Fabricas no Rio de Janeiro

Não fazendo menção das fabricas mechanicas de calçado que existem no Rio de Janeiro pertencentes a particulares, eis a lista que o nosso correspondente nos dá das sociedades anonymas por accções que se teem formado para fabricar calçado;

Companhia Nacional de calçado para creanças—Capital 200 contos. Rua do Barão de S. Felix n.º 1

Companhia Brasileira de Calçado. Capital 400 contos. Rua Uruguayanna 83 e 85.

Companhia Calçado Fluminense—Rua Sete de Setembro 27.

Companhia Industrial de Calçado—Capital 800 contos. Rua do Visconde Inhauma 18.

Companhia Manufactora de Calçado Nacional—Rua do Hospício n.º 42 1.º

Companhia Manufactureira de Calçado—A Invencivel. Capital 800 contos. Antiga casa C. F. Catiard & Alaphilippe, fornecedora do exercito e da armada. Rua da Assemblèa 42, e da Quitanda 11

Companhia Progresso Manufactureira de Calçado. Rua da Alfandega 137, 139. Rua S. Passos 46. Rua General Pedra 221.

Companhia Sapataria Americana—Capital 300 contos. Rua da Quitanda 141.

Companhia Varejista de Calçado—Rua Sete Setembro, 84.

Secção Commercial

Negocio em Lisboa

O mez de janeiro foi como tinhamos já previsto inferior em importancia de transacções nas lojas de vendas a meudo, comparado com equal mez do anno precedente. E assim se vae no continuo deslizar de interesses. O fevereiro está começado ainda muito mais fraco. Toda a gente se retrahê, e o consumo até mesmo dos generos alimenticios está sendo menor.

O movimento de despachos n'alfandega foi em janeiro muito animado, era o ultimo mez em que a pauta mais moderada regulava. A pauta convencional do ruinoso tratado de commercio findou no 1.º d'este mez. Quem poude revinir-se, fez grandes encomendas com anticipação, e os depositos de pelles cortidas estrangeiras estão muito cheios e fornecidos para muitos mezes.

Os negociantes das pelles vão exigindo maiores preços, os fabricantes de calçado lamentam-se deante da difficuldade de elevar os seus preços, os consumidores estão afastados, só se chegam na ultima extremidade, e dispondo de pouco dinheiro, regatêam o mais possivel.

A industria de calçado está entrada em uma das suas maiores crises. Materiaes encarecendo, calçado barateando, pequenas vendas, interesses resumidos!!!

Negocio no Porto

Em janeiro ainda mais se acentuou a crise nos estabelecimentos de calçado. Os operarios sem numero andam procurando trabalho. Muitos procurando pessoalmente os clientes de seus antigos mestres vão tomando conta de concertos e encomendas de obra nova, com o que mais atrophiam o movimento dos estabelecimentos.

Não levamos a mal o proceder dos operarios procurando de alguma forma a sua subsistencia, e o publico que egualmente sentindo na bolsa as consequencias da crise, secunda com facilidade esta idéa preferindo o operario que lhe bate á porta a visitar os estabelecimentos.

Não nos podemos queixar, são as consequencias da infeliz administração do nosso paiz

Afim de evitar a concorrência dos operarios foi resolvido em tempo pela Associação dos Industriales a criação das officinas recolhendo a ellas o maior numero de operarios possivel, esta grande idéa que não só evitará a concorrência como também tende ao

aperfeiçoamento dos nossos artistas, não poude infelizmente ser posta em pratica pela crise que atravessamos.

No entanto uma esperança se nos affigura de melhores tempos para a nossa industria. Ella é uma das de primeira necessidade.

O bom exito que obtiveram as Associações dos Industriales de Lisboa e Porto na nova pauta alfandegaria, deve dentro em seis mezes, quando estejam esgotados os depositos que havia no paiz, de calçado estrangeiro, dar em resultado maior fabricação nacional, e é então que se ha de sentir o resultado da indifferença que por muito tempo houve em habilitar artistas para obras de primeira qualidade.

A Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado, que ha tempo pensa na formação de uma cooperativa vae breve nomear uma comissão para elaborar um projecto de estatutos.

Parece que esta idéa tem sido bem accete attento tambem ao relatório da Cooperativa de Lisboa publicado no ultimo numero d'este jornal pelo qual se observa um feliz resultado e um auspicio futuro. Gloria aos fundadores de obra tão proveitosa para a classe.

Porto, 8 de fevereiro de 1892.

Julio Gomes.

Secção Aduaneira

A Camara dos Deputados discutindo as pautas

Para amostra da nenhuma consideração que no nosso parlamento se está dando á reforma da pauta, transcrevemos do *Seculo*, as seguintes noticias sobre o occorrido nas sessões de 1 e 9 do corrente:

Na sessão de 1 de fevereiro

Ao entrar-se na discussão da pauta, os srs. deputados abandonaram as bancadas e formaram-se em grupos, sustentando alegre cavaqueira.

Na sessão de 9 de fevereiro

O sr. José Julio manda para a mesa uma proposta, que declara não justificar para não estragar os pulmões inutilmente.

O sr. Eduardo de Abreu. — Tem razão. Aqui ninguem discute, ninguem responde aos oradores...

O sr. presidente. — O sr. deputado não tem a palavra.

O sr. Eduardo de Abreu. — Isto não é fallar. (*Risadas em toda a camara*).

Vota-se sem discussão o grupo — Diversos — de n.º 145 a 155.

O sr. Elvino de Brito discute fundamentos productos chimicos, e sente que o sr. José Julio não fundamentasse a sua proposta, que ninguem o ouviu lêr e ninguem sabe sobre que versa, a não ser o seu auctor.

S. Ex.ª vê que a camara está completamente desinteressada do assumpto que tanto importa ao paiz, e tambem elle se não sente com animo de justificar a sua proposta, que até a manda para a mesa, seguindo em largas considerações sobre o n.º 146 — adubos para a agricultura — e sobre outros productos chimicos.

Responde-lhe o sr. Carrilho que sobre productos chimicos não diz, precisamente, a ultima palavra.

A camara está deserta.

Falla ainda o sr. José Julio Rodrigues, respondendo brevemente a algumas considerações do sr. Elvino. O illustre professor a respeito de adubos faz uma prelecção scientifica a quatro deputados que o cercam e riem, de quando em quando.

A camara continúa deserta. Não ha numero para se votar. Encerra-se a sessão.

E aqui está a que se reduz a discussão da pauta, de que ainda ha pouco se proclamava a urgencia, e de que se fazia depender a solução financeira.

A proposito da reforma das pautas

Do *«Jornal do Commercio»* n.º 11:441 de 22 de janeiro ultimo extrahimos um dos artigos escriptos pelo sr. Rodrigues de Freitas, no qual faz referencia á industria do calçado.

Considerando a gravidade da crise economica e financeira, dissemos no artigo antecedente que deviam todos os esforços tender á conservação do trabalho productor nacional, para que tambem se conservê respectivamente o consumo das mercadorias portuquezas.

Escrevendo assim, pensavamos não só no capital empregado, mas também, muito particularmente, nas classes operarias: algumas d'ellas, segundo informações fidedignas, vivem precariamente, pelo menos em certos centros productores; sirva de exemplo a dos fabricantes de calçado: a importação do estrangeiro augmentou; a exportação diminuiu, e a industria nacional não acompanhò os progressos realisados por outros povos, nem sequer se aproximou d'elles.

A exportação total variou assim:

Annos	N.º de pares	Valor em contos
1866.....	122:513	90
1868.....	139:626	93
1869.....	101:404	115
1870.....	282:362	141
1871.....	314:133	188
1875.....	433:907	242
1877.....	207:213	138
1879.....	208:501	155
1880.....	635:540	212
1881.....	576:154	293
1882.....	574:702	174
1883.....	440:696	157
1884.....	517:687	192
1885.....	554:952	178
1886.....	319:735	115
1887.....	217:653	88
1888.....	203:194	83
1889.....	189:693	77
1890.....	119:32	48

Havendo-se desenvolvido este ramo de exportação tão rapidamente, que em nove annos (1866-1875) dava esperanza de em breve atingir o triplo no valor e o quadruplo na quantidade; e parecendo ainda robusto no decennio seguinte,—definiu, porém, nos ultimos annos, a ponto de em 1890 estar em pouco mais de 50 por cento do que fôra em 1866. Nos primeiros nove mezes de 1891 ficou em 55:939 pares, computados em 32 contos; em igual espaço de 1890 ainda os numeros correspondentes foram 75:497 e 34.

O principal mercado estrangeiro d'este nosso producto era o Brazil. A exportação para ali fluctuou assim:

Annos	N.º de pares	Valor em contos
1866.....	110:875	73
1869.....	88:319	98
1875.....	382:633	193
1877.....	197:260	118
1879.....	178:636	129
1881.....	557:311	173
1883.....	543:711	153
1885.....	520:348	161
1886.....	299:343	98
1887.....	187:408	62
1888.....	170:991	58
1889.....	152:952	50

Isto é, desceu já em 1889 a quasi um quarto do que era, em valor, quatorze annos antes; a constante perda de terreno, em mercado que tão proficuo tinha sido, foi mais damnosa que a importação crescente; o augmento d'esta não excedeu 24 contos; em 1890 ficou em 17; aquella perda, porém, subiu a 123 contos.

Esse ramo de industria permaneceu em Portugal muito atrazado. N'um dos documentos annexos ao relatório do conselho das alfandegas os interessados dizem que o calçado portuguez é dos mais perfeitos; mas que n'outras nações os processos mechanicos permitem produzir o muito mais barato. «Ainda ha bem poucos annos, diz o documento de paginas 85, parecia impossivel aos nossos collegas d'esta parte do paiz o confeccionarem-se por meio de machinismos as solarias em calçado superior, suppondo elles, portanto, a sua industria a coberto de innovações que derrotariam, com o andar dos tempos, por completo, o trabalho nacional. Hoje essa supposição vaie desaparecendo do espirito dos mais esclarecidos, á vista do progressivo desenvolvimento mechanico empregado nas grandes fabricas de calçado em Inglaterra, França, Austria, Belgica, etc. Receiam, portanto, os nossos collegas uma maior invasão dos calçados mechanicos, que, acobertados por um direito de importação quasi nullo em face do pouco custo dos productos, aniquilam por completo os pequenos estabelecimentos e officinas existentes, em virtude da nossa impossivel competencia a muitos respeito; o trabalho que um nosso habil operario faz em um e dois dias na solagem de um córte preparado, qualquer, se faz ali (nas grandes fabricas estrangeiras) em duas horas e menos.»

E não datam de pouco tempo os aperfeiçoamentos de que a nossa industria carece para equalar a d'aquellas nações; já quando Ziguél Chevalier escreveu o importante prefacio dos relatórios

sobre a exposição universal de 1867, os processos mechanicos realizavam pouco mais ou menos o que ainda o anno passado admirou e apavorou aquellos nossos compatriotas. No Brazil é que, nò dizer dos fabricantes de calçado portuguezes, se constituíram grandes empresas productoras d'esta mercadoria em grande escala; é verdade que lá teem um direito protector; mas por que não aproveitou Portugal os favores aduaneiros, de que por tanto tempo gozou, fundando tambem estabelecimentos que agora possedessem francamente afrontar os estranhos? E' que nos faltava a iniciativa, ou o capital, ou a instrução; e as pautas não sabem produzir esses poderosos agentes economicos.

Em tempos prosperos, a mingua de trabalho n'esta classe, como em alguma outra, poderia ter correctivos na menor affluencia de operarios novos, deslocação, não extremamente penosa, de muitos antigos para ramos industriaes florescentes, e successivo aperfeiçoamento technico. Por lamentavel que fosse tal mingua, referencia ao numero de factos habituaes do viver economico; jámais houve somente lucros; jámais um progresso deixou de incommodar os retardatarios; quer subsistisse o regimen do livre-cambio, quer o da protecção, nenhum dos dois conseguiria prevenir desastres na industria e lucta de classes. Mas na hora presente, o maior desemprego de operarios ou a diminuição de trabalho não acha aquella correctivo e pôde ter consequencias sobremodo funestas; as classes mais arriscadas são, em equaldade das restantes circumstancias, as que já ganham pequenos salarios, e cujos productos iam tendo cada vez maior procura. A estes casos parece-nos applicavel o augmento de taxa aduaneira que empêça a entrada de productos estrangeiros. O que dizemos da dos sapateiros é extensivo, por exemplo, á dos tecelões de tear manual.

Mas estes remedios aduaneiros não teem virtude superior á de palliativos, e, ainda assim, não de ser usados com prudencia, e combinados com outros de maior valor medico, proprios a restaurar forças. Um d'elles consiste em tirar o maximo proveito das despesas com o ensino publico; sem grande instrução especial, não pode haver povo notavelmente industrioso; ora a grande maioria dos portuguezes são analfabetos; a estatística o affirma; e como se esta inferioridade, relativamente ás principaes nações productoras, não fôse já sobejo elemento para ficarmos derrotados na lucta commercial,—o ensino ministrado em estabelecimentos portuguezes não raro é improprio á formação de habéis trabalhadores. A historia dos programmas, exames, e reformas dos lycées daria á farta para documentar a asserção de que em Portugal se teem dispendido milhares de contos em estragar cerebros e atrophiar vocações.

Sem forte instrução technica, vivendo longe da intimidade dos progressos industriaes,—como havemos de ter numerosas fabricas analogas ás estrangeiras? Como havemos de preparar os alimentos scientificos indispensaveis á evolução fabril? Que publicações periodicas especiaes temos nós, onde estão os conservatorios de artes e officios que distribuem ás diversas camadas trabalhadoras o pão do espirito, sem o qual não ha progressos materiaes? Passos Manuel tem sido muitas vezes citado como defensor das industriaes, por causa das pautas de 1837; contudo, além de que esse grande patriota não quiz de modo algum affirmar n'ellas que a sua convicção fosse firmemente proteccionista, como vulgarmente se julga,—as suas vastas reformas de ensino vieram acompanhando as tarifas novas: reformas em todos os ramos de instrução nacional e tendentes, com especialidade, a propagar os conhecimentos industriaes; infelizmente o honrado estadista bem depressa deixou o poder, e os seus successores nunca realisaram integralmente os sabios pensamentos fundamentaes da legislação de 1836-1837.

E' innegavel ter o Estado commettido erros graves contra as industriaes; além do desperdicio, acompanhado de sovinnarias, em materia de ensino, além de nas suas encomendas ter esquecido com frequencia os interesses dos trabalhadores, além de não harmonisar os direitos de varias materias primas com os de productos fabricados—não soube converter em bons modelos os seus estabelecimentos; mas, apesar de tudo isto, e muito mais, ser um conjunto de factos innegaveis,—é fora de duvida que varias industriaes não podiam queixar-se de falta de protecção; contudo estamos chegados ao fim do seculo dezenove sem que possamos talvez combater triumphantemente nos mercados do mundo uma só industria fabril sequer. Veja-se a estatística de 1890; a exportação foi 21:536 contos, deduzindo o ouro e a prata. Para esta somma contribuíram principalmente:

Substancias alimenticias	14:235 contos
Cortiça	3:112 "
Gados	671 "
Sal, sarro e borra de vinho	246 "
Baga	108 "
Madeira em bruto, barrotes, etc.....	94 "
Minerio de cobre	1:000 "
Outros minerios	343 "

19:809 contos

Podíamos augmentar este total com o valor de outros productos que, ou procederam directamente da agricultura, ou de indústrias immediatas a ella; mas bastam aquelles 19:809 contos a mostrar que mandamos para fóra de Portugal pequenissimas quantias em artigos de industria fabril. Toda a classe dos algodões figurou só com 127 contos; a dos linhos com 16; a das lãs e pelles com 203; a das sedas com 26; a das manufacturas diversas com 230; mas nas lãs comprehendem-se tambem as que vão em rama, os desperdícios e o trapo; nas sedas, o casulo e desperdícios. Além d'isto, a maxima parte das manufacturas destinaram-se ás colonias portuguezas e ao Brazil. E' doloroso dizel-o, mas é verdade que no mercado universal não concorremos como povo fabril.

O nosso atrazo em tudo explica este facto lastimoso; atrazo de nós todos em geral; atrazo em que todos nós temos maior ou menor culpa, e do qual devemos libertar nos sem demora, se realmente, e não palativamente, ha em nós a vontade firme de viver como nação independente.

Não desconhecemos que muitas das nossas indústrias teem feito sensiveis progressos, e que algumas d'ellas produzem artigos tão bons como os similares estrangeiros; mas a differença dos preços, contraria ás nossas mercadorias, deixa-nos em evidente inferioridade; essa differença não se origina tanto na carestia do combustível, ou ferro, e de certas materias primas, como na relativa pequenez da produção de cada fabrica e na difficuldade de ir introduzindo os progressos technologicos adoptados lá fóra. Que importa carregar com pesadas taxas um artigo estrangeiro? Ainda que provocasse (e quantas vezes não provoca!) o nascimento de fabricas no paiz, não assegurava que seriam montadas segundo o melhor systema, nem que o mercado interno consumiria grandes quantidades, e, muitas vezes, sem o forte consumo é impossivel mchínofacturar barato. Nem nos illudamos com exemplos de nações como a França, a Allemanha, a Inglaterra, os Estados-Unidos; a população de cada uma d'ellas e o seu cabedal scientifico ou pecuniario são elementos tão superiores aos nossos da mesma especie, que as consequencias de direitos protectores são lá muito diversas das que resultariam aqui.

Na exposição industrial do Porto uma importante fabrica exhibiu varias amostras de tecidos, acerca dos quaes deu aos visitantes a noticia de que eram simples tentativas de produção, pois que não podiam competir em preço com os productos analogos que os inglezes introduzem em Angola no valor de 2:000 contos por anno; causa tristeza a leitura d'isto, embora tenha de agradecer-se ao expositior a sua franqueza; se não temos vencido a concorrência britannica em terras nossas do ultramar, como haveriamos de arrostal a em mercados aonde iriamos sem produção alguma? E se no termo de tantos annos é esta a nossa triste sorte, como esperar que meliores, disseminando fracos capitais e mal provida intelligencia por uma legião de indústrias, em vez de concentrarmos em poucas a nossa actividade para que sejam prosperas e acreditem o nome portuguez em todo o mundo?

Tratado de commercio com o Brazil

Está concluido este tratado, que se nos affigura de utilidade para ambas as nações. O nosso negociador o ex.^{mo} sr. Mattoso dos Santos conseguiu obter para o calçado portuguez um beneficio no direito de importação. Este serviço tinha-lhe sido sollicitado por a nossa Associação Industrial dos Lojistas de Calçado. Não se esqueceu; aguardamos o tratado para conhecer qual a vantagem obtida.

Os nossos louvores ao distincto negociador e parabens pelo seu feliz regresso a Lisboa.

Secção Noticiosa

Vitellas pretas.—No mercado encontram-se as vitellas das fabricas Souto Maior de Braga, Esperança de Lisboa, e Godinho da Cruz Quebrada. Esperam-se ainda as das fabricas do Porto. Graças á sua concorrência, os preços das vitellas estrangeiras se têm contido, não se exaggerando por emquanto os seus preços. Eis uma das vantagens de podermos contar com o trabalho nacional. Já não se ouve dizer tanto mal do producto portuguez.

Cortumes em Hespanha.—Esta industria na nação visinha está mais desenvolvida do que em Portugal. A grande fabrica Bosch y Prat prepara bezerrões pretos engraxados e mates. A de Alier y C., a de Ferrer y Junca, a de M. Pagés e outras produzem toda a classe de pelles excepto de cabrito e magis. Em Badalona ha uma fabrica de pelles envernizadas (polimentos). Em Valencia ha outra que produz pelles de todas as classes. Não têm assim os nossos visinhos tamanha dependencia como nós da pelaria miuda estrangeira.

Os monopolios.—O seu recurso é um caracteristico inrecusavel das nações pobres e decadentes affrontoso dos melhores

direitos á liberdade de commercio, e insubsistente em condições de prosperidade nacional.

Sapataria Barba Azul.—Declara que mesmo ao domingo e dias sanctificados tem o estabelecimento aberto até 10 horas e meia da noite. Já é vontade de moer os empregados.

Monte Piedade.—O sr. Jaime de Segnier lembrou a um dos ex-ministros fornecer-lhe esclarecimentos sobre a organização do *Mont de Piété* de Paris. A fundação de igual instituição em Lisboa immortalisará o seu fundador. A industria das casas de penhores floresce em Portugal, explorando sem dó nem piedade os desgraçados que a ellas recorrem.

Les Cuirs et les Peaux.—Mr. Arthur Taire, director do jornal profissional francez *Le Franc Parleur* publicou um interessante livro com o titulo d'esta noticia, cuja leitura convém muito aos industriaes e operarios que empregam as pelles em todas as fórmulas da sua applicação.

Na Colonia.—Um grupo de capitalistas francezes reuniu a somma de dous milhões de francos, para crear em Varsovia um museu commercial francez. Os nossos homens de dinheiro estão muito longe de pensar em cousas semelhantes.

Sapateiro millionario.—O sr. Jay Gould, ameicano, foi por algum tempo operario sapateiro; é avaliada a sua fortuna actualmente em 270 mil contos de reis. Póde fazer immensos beneficios á sociedade, especialmente aos menos felizes da sua antiga classe.

Os empregos dos homens.—Em uma loja do Chiado por exemplo se vê um respeitavel cidadão de grandes bigodes, vendendo camisinhas, bibes para meninos ou fitas para chapeus. Em outra, outro cidadão respeitavel com fartas suizas e cabelo penteado a preceito mede 3 ou 4 metros de chita ou de casa de lã. Logo adiante em outra loja outro cavalheiro vende massinhos de cigarros, perfumarias ou luvas!

Em Paris todas estas occupações são exercidas por mulheres, que a um tempo com os seus lucros ajudam a viver a familia e deixam os homens desembaraçados para trabalhos que exigem mais vigor ou mais desenvolvida actividade.

Isto denuncia o pessimo aproveitamento do homem, que afinal é o capital mais valioso e mais certo das sociedades modernas. E denuncia tambem que a mulher é em regra um encargo para a familia emquanto lá fóra o seu trabalho contribue largamente para o bem estar domestico.

A mulher.—Na nossa sociedade, classe media ou aristocratica, a mulher é educada para matar o tempo com frioleiras, tocar pianno, conversar com as amigas, passeiar, fazer visitas, e procurar finalmente homens que cuidem de as sustentar, pagar o luxo e a ociosidade. Bem cara fica semelhante educação e tal viver aos burguezes, chefes de familia, que precisam pelo trabalho de cada dia ganhar para sustentar a extraordinaria mandrice das mulheres. Mas diga-se a verdade, não é d'ellas a culpa, são muitas vezes até victimas por isso.

Os americanos.—Os industriaes dos Estados norte americanos desde muito tempo se preparam para inundar os mercados brazileiros com os seus productos, para o que se contractou um tratado commercial de reciprocidade.

Na Finlandia.—Neste pobre paiz, sujeito á Russia, ha já 17 fabricas de cortumes, occupando 200 a 300 operarios, produzindo cerca de 360 contos de réis por anno.

No Equador.—Nesta republica americana por decreto de 9 de fevereiro de 1891 foi estabelecido o direito de 225 réis por par para o calçado fino simples, sem ornamentos.

Na Costa Rica (America).—Desde o primeiro de março de 1891 o direito sobre o calçado se cobra na razão de 486 réis.

Riqueza das nações.—Uma nação é tanto mais rica quanto ella produz em um justo equilibrio o que os seus habitantes consomem.

Fabrica de lanificios em Oeiras.—Foi visitada por El-rei no dia 26 de outubro. Da actualmente trabalho a 200 operarios, quando ainda ha poucos mezes sustentava quasi o dobro. Dos seus 75 teares apenas estavam em laboração 32. As ferias semanaes que orçavam por um conto de réis, estão reduzidas a quasi metade.

Ilha do Fayal.—Perto de 200 casas estão por alugar, sem moradores. Resultado da emigração, que vae despovoando estas terras.

A miseria na Allemanha.—«Quem quizer conhecer a miseria do nosso povo, diz o *Berliner Tageblatt*, basta-lhe vir aos mercados. Ali se arrastam crianças e mulheres, com o rosto livido, que são a imagem viva da fome. Vêm-se mendigando de logar em logar, pedindo uma batata ou disputando-se com verdadeiro encarnicamento os restos deteriorados das hortaliças e fructas que nos tempos ordinarios são deitados para o lixo.

Exportação de trabalhadores.—Calculando-se em um conto de réis o valor social da actividade de cada individuo que trabalha, regulando actualmente a emigração annual 40.000 individuos, sobre a 40.000 contos de réis por anno tal desfalque do nosso desditoso Portugal, digno de melhor sorte.

J. DAILLOUX

MACHINAS E UTENSILIOS PARA CALÇADO

Envia-se o catalogo com os preços correntes a quem o requisitar

5-BOULEVARD DE LA CHAPELLE-5
PARIS

DEPOSITO DE MATERIAS PRIMAS

PARA SAPATEIROS E CORREEIROS

DE

RICARDO DIAS & C.^A

159, Rua dos Sapateiros (Arco Bandeira), 1.^o

LISBOA

Artigos de fabricantes acreditados, e de marcas conhecidas n'este mercado

Vendas por grosso

PÓ DINAMARQUEZ

Para tinta de sapateiros e surradores já experimentado com aprovação por muitos fabricantes de calçado em Lisboa e Porto

50 grammas em meio litro de agua a ferver produz tinta preta para immediata applicação em sola e pelles, tanto pelo lado do carnoz como pela flôr.
Vende se em saquinhos de papel de 50 grammas a 40 rs. Em porções de um kilo para mais se faz abatimento.

Agentes em Portugal — GOMES & FILHOS

LISBOA — 190, Rua dos Fanqueiros, 192

CERA PRETA

Marca franceza, a melhor das experimentadas no acabamento do calçado.

CASA GOMES & F.^{os}

190, Rua dos Fanqueiros, 192

LISBOA

ALFREDO CARVALHAL

Calçado fabricado

PELO

SYSTEMA DE PREGO

Solidez e perfeição

R. Aurea, 258

T. de Santa Justa, 90

JOÃO VERISSIMO PEREIRA

181, R. Direita de Oeiras, 181

OFFICINA

DE

Sapatos de trança

Preços por duzia sem desconto para mulher n.^{os} 1 a 5, 47020 réis, para homem n.^{os} 6 a 11, 47800 réis.

CÓRTEZ PESPOINTADOS EM TODOS OS GENEROS

MOLDES PARA CALÇADO
EM CARTÃO OU ZINCO

FORNECEDOR

VICTOR GOMES

190 — RUA DOS FANQUEIROS — 190

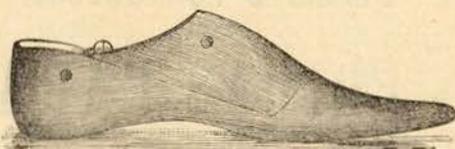
LISBOA

JACINTHO J. RIBEIRO

GRANDE DEPOSITO DE ARTIGOS PARA CALÇADO

Lisboa — 194, Rua dos Fanqueiros, 200 — Lisboa

Pelleria de côr
em todas as qualidades
para
calçado de verão



Sortimento colossal
de FORMAS
de todos os modelos
e tamanhos

Tem sempre avultado sortimento de fazendas da sua especialidade que recebe directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

P. PLANAS

92, Calle de San Pablo, BARCELONA

Constructor de máquinas especiaes para la fabricacion de calzado
Miembro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedade Cientifica Europea, de Bruselas
Premiado con medalla de oro
en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

Ofrece á los fabricantes e zapateros portuguezes, toda clase de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el dia, como lo acredita el haber montado las principales de España y Sud-America.

Envio de catálogos detalhados segun demanda

Fabrica a Vapor de Alpargatas

DE

Gonzalez & Tejedor

197 — Rua Occidental do Campo Grande — 197

LISBOA

Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos, para uso da rua, de casa e de banho.
Importantes melhoramentos introduzidos na fabricação permittem apresentar trabalho de confiança e de agrado para o publico. Preços barattissimos para revender.

MANUFACTURA DE COUROS ENVERNISADOS

Bezerros pellicas e pretos engraxados

GASQUIEL — DONZEL

à AUBERVILLIERS (Seine, França)

Depositos em Paris

30, rue de Rambuteau

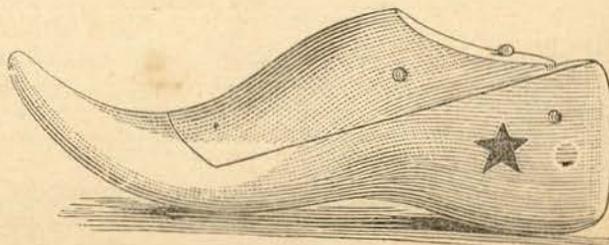
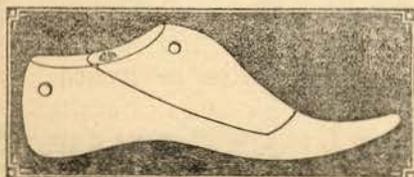
Representado por DIEGO ARACIL

31, MAGDALENA — MADRID

UNICO DEPOSITO DE FORMAS ALLEMÃS

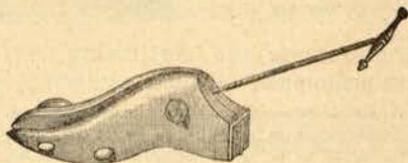
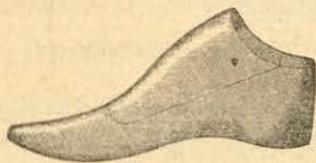
240 — RUA DOS FANQUEIROS — 242

João Ignacio Romão



F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO
DE
MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67
LISBOA

13

LOJA DE FERRAGENS

16, RUA DO AMPARO, 16 - LISBOA

N'este estabelecimento encontra a sapataria um abundante sortimento de varios artigos de seu consumo, taes como **prego, carda e broxas, das melhores fabricas; fio, cerdas, botões, etc.** As melhores ferramentas do officio, como **torquezes, facas, grozas, buxetes, etc.** Encontra-se n'esta casa os **ferros de caixa e as caixas de esporas**, do fabricante **ROBERTO**, o melhor d'actualidade. Todas as encomendas por atacado tem desconto e as de mil kilos para cima, enviam-se pelos caminhos de ferro com transporte gratis — as de 500 kilos pagam só metade do transporte. Agora se recebeu a **gommalina** que substitue com grande vantagem a colla ou massa anteriormente empregada no officio.

14

Pedidos dirigidos a **ANTONIO PAES BAETA**

FERREIRA & FONSECA

SUCCESSORES DE Julião de Freitas Guimarães

149, R. de D. Pedro, 159 - PORTO

ARMAZEM DE SOLA

DAS

Diversas fabricas do Porto e de toda a qualidade de bezerros nacionaes e estrangeiros
ESPECIALIDADE EM MIUDEZAS E UTENSILIOS PARA A SAPATARIA

Não é preciso dar muita volta ao miolo para fabricar calçado barato, desde que se recorra a este bem fornecido deposito, onde se encontram materiaes de preços os mais reduzidos possível.

15

Alfredo Carvalho

Rua Aurea, 258

Travessa de Santa Justa, 90

Botas á Frederico

Botins de cano

Botas afiveladas

Butes atacados

LISBOA

16